

Stadium

N.º 103 ★ 22 DE NOVEMBRO DE 1944 ★ PREÇO 1\$50



VER NESTE NÚMERO

Grande reportagem
do jogo BENFICA-
SPORTING

▶
O que disseram os
vencedores e os ven-
cidos

▶
«O MUNDO
DA BOLA»

▶
Reportagem gráfica
dos principais acon-
tecimentos
da semana

MANUEL MARQUES

um dos artífices da vitória do Sporting,
vigorosa personalidade de jogador, num
arranco impressionante de energia

Análise da época de 1944

pelo dr. SALAZAR CARREIRA

III — MEIO-FUNDO E FUNDO

DOS 1500 aos 10000 metros a temporada foi francamente pobre, porque dela apenas podemos destacar a confirmação da boa classe de João Silva e a revelação de um rapaz que parece igual aos bons: Américo Pinto.

Pertencem-lhes os melhores tempos da época: ao primeiro, 5000 m. em 15 m. 48,8 s. e 10000 m. em 33 m. 11,6 s.; ao segundo 3000 m. em 9 m. 17,4 s.; em 1500 metros não teve Pires de Almeida adversário à altura e venceu as duas provas do ano, em 4 m. 22,5 s. e 4 m. 19,8 s.

Esta especialidade, que antigamente era largamente concorrida, escasseia agora de participantes, sem razão plausível além do desinteresse dos elementos da classe social que outrora fornecia a quase totalidade do contingente activo.

Para contra-partida, seria aconselhável aos dirigentes do atletismo um esforço compensador de propaganda junto da mocidade académica, desviando-lhe as preferências para as corridas de maior metragem. Que nos recorde, nunca os estudantes das escolas médias e superiores forneceram qualquer unidade de valor além da distância de um quilómetro — e não custa admitir que, entre tantos milhares de rapazes, alguns houve, e há, com certeza, com aptidões perdidas.

No registo actual dos especialistas confirmados nas provas de meio-fundo e fundo, apenas dois homens possuem classe para que dêes se espere resultados notáveis: João Silva, excelente máquina de correr e que consideramos susceptível de inquietar o «recorde» da légua; e Pires de Almeida, que este ano se apresentou em muito melhor condição física e pode agora realizar as promessas avulzadas há dois anos pelo seu «recorde» dos 3000 metros.

Dos restantes, parecia-nos esperançoso o corredor Manuel Gonçalves, que na temporada finda começou bem e estabeleceu os seus melhores tempos de sempre, mas depois fraquejou por completo, ressentindo-se provavelmente dos exagerados esforços da sua época de inverno em provas de corta-mato e estrada.

Merceo ainda ser citado o veterano Manuel Nogueira, que se defendeu com extraordinário brio e conseguiu — à força de energia e inteligência na condução das suas provas — conquistar nas duas jornadas dos Nacionais os três segundos lugares, em 4 m. 22,5 s., 16 m. 16 s. e 34 m. 44,8 s.

A análise de maior importância incide sobre os corredores das categorias jovens, capazes ainda de evoluir progressivamente e de substituir em futuro próximo as falhas actuais.

Entre os nomes que surgiram no ano devem reter-se três: Américo Pinto, de quem já falámos, Manuel Gomes e José Vicente.

O primeiro é possuidor de bom estilo natural e tem estofa para largos cometimentos; levado com prudência — a sua actividade em 1944 foi o mais comedido possível — e acatellada devidamente a sua preparação física, é lícito esperar que ascenda a seu tempo ao primeiro

plano dos campeões portugueses. Como referência abenatória registre-se que a sua melhor marca figura em 7.º lugar na escala portuguesa.

Manuel Gomes despendeu durante o inverno exagerada actividade nas provas de corta-mato e disso deve ter-se ressentido na temporada de pista; teve um último lampejo na prova dos estreates (2000 m. em 6 m. 13,2 s.), mas apagou-se em seguida.

Este problema do calendário de inverno precisa de ser revisto, pois na fórmula actual prejudica evidentemente os corredores de fundo, esgotando-os antes de começada a época de pista, sobretudo aos novos, cujo período de descanso é quasi insignificante.

José Vicente, a quem nos referimos já na semana passada, é a nossa melhor esperança para 1500 metros; estofa não lhe falta, mas não possui ainda conhecimentos para o aproveitar nem preparação intensa bastante para suportar a distância.

No escalão superior, o dos juniores, apenas dois atletas a citar: Afonso Marques e Jaime Martins.

O primeiro corre em péssimo estilo e os anos decorrem sem que possa notar-se qualquer aperfeiçoamento; é de lamentar, porque, devidamente orientado, poderia conseguir resultados interessantes. Assim, sem a influência burilante de um treino regular e competentemente dirigido, nunca sairá da mediocridade.

O filho de Albano Martins não possui o poder atlético do pai, mas é muito enérgico e habilidoso; convenientemente gymnasticado durante os meses de inverno e afastado das práticas de campo e estrada, poderá adquirir mais peso — e adquirir também o fundo e a autoridade que por vezes lhe faltam na pista.

António Calado correu em New York e foi convidado para a equipa do New Yorker A. C.

OS nossos leitores já conhecem a notícia. Não é de transcendente importância, mas é agradável para os amadores do atletismo e para os amigos do atleta leal e brioso que é António Calado.

O simpático corredor sportinguista partira nos meados do ano findo para New York, onde passaria a trabalhar na Casa de Portugal; as primeiras notícias vieram, entusiásticas, sobre o acelerado ritmo e o elevado valor do atletismo americano, reflectindo também uma sombra de saudade pelo desporto que tanto acarinhara e a sugestão de um desejo de experimentar possibilidades, de ensaiar em ambiente novo a sua classe de estilista e de campeão, que os anos não haviam afectado.

A ocasião chegou, porque a tentação era irresistível. Compreendem-no bem, com certeza, aqueles para os quais a prática do atletismo é uma paixão integrada no rumo normal da vida. Calado, em carta escrita a 3 de Outubro passado para os seus camaradas almadenses, conta-a da seguinte maneira, com admirável singeleza:

Em Janeiro assisti a umas provas no célebre Madison Square, onde Gil Dodds bateu o «recorde» do mundo da milha em pista coberta e o nosso conhecido Albritton saltou dois metros em altura. Levado pelo entusiasmo, arranjei-me para ter algum tempo livre e fiz meia dúzia de treinos, indo depois experimentar, ao New Yorker Athletic Club, correr contra os seus atletas. A este clube pertencem alguns dos mais famosos atletas americanos, como os actuais campeões nacionais, Refferty, de 5000 metros, o campeão do salto em comprimento, do lançamento do péso, dos 110 metros barreiras, etc.

pensa instalar a sua sede no antigo Casino de Sintra.

SINTRA, impondo-se pela sua beleza e pelo privilégio de que desfruta como lindo pedaço da terra portuguesa, procura, sem se desviar do ambiente especial que a caracteriza, impôr-se na vida com actividade desenvolvida à base de dinamismo e energia. Neste pormenor, terá por certo de desempenhar importante papel a educação física e o desporto. O Hockey Clube de Sintra é presentemente o seu melhor propagandista, valorizando de maneira admirável a actividade do «hockey» patinado.

Perante este estímulo, os adeptos do futebol estão procurando elevar a sua modalidade preferida.

O União Sintrense é dos que está animado dos melhores projectos para cumprir programa valioso. Ao mesmo tempo que se empenha em reforçar o seu «team» de futebol com elementos novos, o União Sintrense está neste momento tratando de se instalar em sede condigna, para que os seus associados possam dispor de salas e ginásios próprios.

Possivelmente, e se todas as negociações nesse sentido chegarem a bom termo, como se espera, o União Sintrense vai instalar-se no Casino de Sintra, fechado há muito tempo.

Melhorará assim imenso a actividade do clube, cujas actuais instalações não comportam a desejada frequência dos sócios, além de que o desporto local passará a ter dois categorizados representantes, impondo-se pelo valor desportivo e pelas condições de vida associativa.

No Porto foi António Bernardo o homem mais em realce (1500 m. em 4 m. 25,6 s. e 10000 m. em 35 m. 49,4 s.), com resultados modestos e que não poderá melhorar grandemente; o junior Artur Fernandes, com 9 m. 36 s. nos três quilómetros, foi, dos novos, o melhor elemento.

Ali corri a milha com Refferty mas, é claro, apenas aguentei mil metros e fui depois que abandonar. No entanto o treinador ficou admirado com o meu estilo, dizendo logo que era idêntico ao do italiano Beattli, antigo campeão olímpico, que também pertence a este clube.

Imediatamente me convocaram para um próximo treino, isto no mês de Maio, e então, numa prova de ensaio de 500 metros, em que eu supunha ir apanhar um grande «arrepio», tive a alegria de vencer a corrida no tempo de 1 m. 8,5 s., balendo Refferty, que já fez 4 m. 8 s. na milha, e o campeão de 400 metros da Universidade de Fordham e excelente atleta americano Wollesley Wallace. É claro que eles não se encontravam na sua melhor forma, mas contudo muito mais treinados do que eu, que apenas tinha seis treinos — e eles já tinham participado nas provas do Madison Square, onde Refferty venceu as 3 milhas.

A impressão que deixei foi ainda melhor, mas foi o «canto do cisne» da minha vida desportiva, porque foi impossível preparar-me, como me pediam, para os campeonatos, em virtude da falta de tempo e do muito trabalho que então me ocupou. Tive que dar uma desculpa, mas tenho muita pena, mesmo muita pena de não poder seguir correndo, pois me convenci que um homem de 30 anos está muito longe de ter acabado para o desporto quando se prepara cuidadosamente.

Das colunas da «Stadium» enviamos a António Calado um abraço de parabéns pelo seu excelente tempo, que é o segundo dos melhores conseguidos por portugueses.

Ano II — Lisboa, 20 de Novembro de 1944 — II Série — N.º 103

STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da

SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LDA.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º

TELEFONE 5 1146 — LISBOA

Execução gráfica de NEOGRAVURA, LDA. — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

NO MUNDO DA BOLA

PELO "JORNALISTA DESCONHECIDO"

BENFICA-SPORTING

Dois jogadores

que interessa auxiliar
porque têm futuro

DIZ-SE por vezes que o jornalismo, no campo da crítica especializada, tem feito e desfeito jogadores. Não concordamos com essa corrente, tão certo é o nosso convencimento de que aquele que tem qualidades, mesmo com falta de chance ora num ora noutra encontro, acabará fatalmente por triunfar, impondo-se como um valor positivo.



Cumprimos esse objectivo destacando agora dois nomes, um do Sporting e outro do Benfica: Verissimo e Cesar Ferreira.

Verissimo tem andado um pouco perdido no mare magnum da linha sportinguista. Tendo fornecido razoável medida a centro, logo foi passado para a asa, em obediência a imperativos da organização do grupo, singrando a sua vida com altos e baixos. Um alto em Madrid, contra o A. Aviação, e baixos nalguns desafios...

Ei-lo, no entanto, a afirmar-se, no domingo, como um bom elemento, forte, pundonoroso, com habilidade — apenas com o defeito da lentidão inicial.

Sabe bem destacar um jogador jovem como este. Assim como falar um pouco de Cesar Ferreira, um modelo do que vale a força de pontada. Colocado na linha defensiva, como recurso, sob o agrado de uns e combatido por outros, este magnífico jogador, allela, vibrante, sempre em jogo, conseguiu convencer pelo esforço e pelo exemplo de que se trata, realmente, de um valor positivo. A sua exibição contra o Sporting tem a garra do jogador que não se confunde com os outros...

Caberá na função do treinador a operação de fazer os «teams»?

A missão do treinador é muito difícil em Portugal, mas julgamos que o é em todos os países em que se joga a bola...

Está agora na ordem do dia a questão da nacionalidade do treinador (à falta de melhor expressão) dizendo-se — problema que versaremos em qualquer altura — que os treinadores da Europa Central, os que vivem entre nós, de raça de características muito diferentes da nossa, não poderão produzir, por esse fundamento, trabalho proveitoso em Portugal.

Do problema, no entanto, que pretendemos hoje tratar, é daquele que tem causado as maiores perturbações ao futebol, nas relações entre treinadores e público dos clubes, e mesmo na maneira profissional daqueles.

Sustenta-se que são os treinadores que organizam os grupos, ou ainda que, não acontecendo isso, deveria precisamente acontecer...

Nunca compreendemos porquê. Aos treinadores compete, apenas e sómente, salvo melhor opinião, treinar. Já não é pouco. A função de organizar as linhas, arrumando os variados elementos, deverá ter o seu concurso, mas ficar de fora do seu âmbito de acção.

Deverá ter o seu concurso, porque o treinador é aquele que melhor conhece e se apercebe da forma do desportista que tem sob as suas ordens e comando, um homem que ele vigia em todos os instantes e circunstâncias (em teoria, é evidente, pois na prática tal não acontece). Mas deverá ficar de fora do seu âmbito de acção, porque o treinador deixa-se insensivelmente levar — só se não fôsse um ser humano — pelos seus sistemas, preferências, e quantas vezes simpatias pessoais.

É ao dirigente, mais no alto e em condições de julgamento mais serenas, vendo o problema sem a parcialidade do treinador, mais calmo e tranqüilo, que competirá organizar o arranjo das linhas, nunca podendo esquecer-se que os teams deverão ser formados tendo em vista o adversário que lhes competirá de frente.

Admite-se perfeitamente que um jogador, óptimo contra determinado adversário, não seja tão bom contra outro qualquer. Em Portugal, e em todos os países, nas competições normais, em boa verdade também nos próprios desafios internacionais, sabe-se sempre como são constituídas as linhas do contendor e os seus caracteres. Mais uma razão para tudo se passar como indicamos.

Adoptar-se a orientação que preconizamos é, de resto, tirar de cima dos ombros do treinador, que precisa de ambiente para o desempenho da sua missão, de toda uma tarefa que tanto perturba a sua vida. Porque é que os dirigentes e técnicos, nobremente, não arcam às claras com essa responsabilidade e tarefa importantíssima, quasi decisiva nas competições, até porque os clubes, quando entregam esse trabalho livremente aos treinadores, nunca lhes dão uma liberdade absoluta? Há sempre uma pressão, um desacordo, um *quid*.

Aqui fica pôsto um problema e a sua solução. Com certo desânimo... Há por aí alguém que acredite que o futebol português não assenta quasi exclusivamente em empirismos? Se há — é porque o português é, acima de tudo, o mais crédulo dos homens...

LEMBRA-NOS QUE...

O antigo jogador do Belenenses, sr. capitão Manuel Veloso, é agora o treinador da Académica de Coimbra.

O defensor Alvaro Cardoso escreveu uma espirituosa crónica para o Boletim do Sporting, sobre a viagem do seu clube a Madrid.

Os árbitros estão agora segurados contra todos os riscos. Ainda não se criou, no entanto, o risco contra os árbitros...

Todos afirmam que o Portugal-Espanha é coisa decidida — e afinal não se trata do Portugal-Espanha.

A inovação da Segunda Divisão do Campeonato Nacional pode realmente conduzir a bons resultados. É pelo menos uma tentativa, de assinalar, num meio em que pouco se faz de proveitoso.

Um clube português está em negociações com um treinador espanhol de nomeada para tomar conta da sua secção de futebol.

Há resposta para tudo...

N.º 7 — Para acabar com uma discussão entre um encarnado e um leão desejaria ser esclarecido no seguinte: dos dois clubes Benfica e Sporting, qual deles tem mais sócios, mais filiais e mais taças?

(Carlos Pedro Brilo)

A numeração dos sócios do Benfica é presentemente de 13.123, mas como há demitidos pode dizer-se que a população associativa do clube deverá ser de 12.000 associados, incluindo os auxiliares. O Sporting conta actualmente cerca de 7.000, mas com a numeração actualizada. Número de filiais: do Benfica 45; do Sporting 77 e mais 12 delegações. Quanto ao número de taças, estamos a contá-las!

N.º 8 — Pode dizer-me se Gregório, excelente médio-centro do Atlético, é internacional, isto é, se vestiu alguma vez a camisola do team nacional? A mim, parece-me que ele tinha valor para isso.

(Carlos Gomes, do Porto)

Nunca foi internacional. Trata-se, sem dúvida, de um valor a ter em conta.

N.º 9 — Qual a idade e onde nasceu Gomes da Costa, do Sporting? Qual o lugar em que alinhou

o grande jogador suíço Abegleem contra a selecção portuguesa. (João Faustino, do Matugareense, de Ponte de Sôr).

Gomes da Costa nasceu em Palmela, a 27 de Março de 1921. E fazer as contas... Trello Abegleem alinhou a interior-esquerdo.

N.º 10 — Quais os seis melhores jogadores portugueses, nos 11 postos, aliás, em cada um dos 11 postos, pela ordem de valor e respectivas idades.

(António Figueiredo)

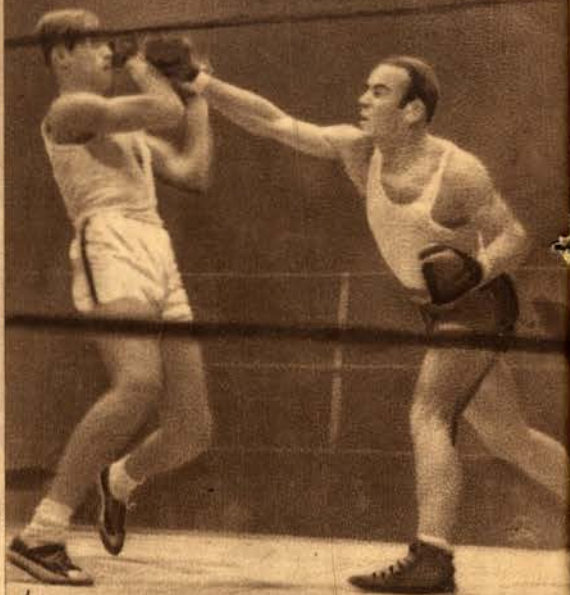
Bela pergunta! Ora aqui está uma coisa que também gostaríamos de saber... Em resumo: quem foram, devidamente colocados, os 66 melhores jogadores portugueses?!...

P. N.º 11 — Não acha inconceivable repetir um desafio que faz parte de um todo que se chama campeonato, depois de disputadas lódas as jornadas?

(Um leão orgulhoso, de Niza)

Tudo é possível neste Mundo da Bola. Até fazer-se aquilo que não se deveria fazer! Tem inteira razão — tanto mais podendo os casos originar as mais torpe idéias e pondo em risco a verdade de uma competição. Mas já nada nos admira...

A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA



HOCKEY EM PATINS — A final da «Taça de Honras»: 1 — A equipa do Paço de Arco, vencedora deste e dos principais torneios da época; 2 — O grupo do Hockey de Sintra, 2.º classificado na taça. **BOXE AMADOR** — O torneio de preparação promovido pela Associação de Lisboa: 3 — M. Tugeira, do Matadouro F. C., apurado em pesados; 4 — Fase do combate entre os médios M. Ferreira, do Lisgás, e C. Nogueira, do Estoril; 5 — Outros vencedores: da esquerda para a direita, A. Costa, mínimo, e M. Martins, levisímo, ambos do Lisgás; J. Cavaco, leve, do Ateu, e Patrício Alvares, meio-médio, João Jorge, meio-leve, e M. Ferreira, médio, todos do Lisgás; 6 — A. Simões, meio-pesado, do Estoril. **O ANIVERSÁRIO DO LISBOA GIMNASIO** — 7 — Aspecto do almoço comemorativo efectuado na sede do prestimoso clube e no qual *Stadium* se fez representar pelo seu colaborador Abreu Torres

O DOMINGO desportivo



HANDBALL EM LISBOA

Apesar do mau estado dos campos, continuou a disputa do «Torneio de Abertura», ao qual fazemos referência noutra página. As fotografias mostram fases dos jogos Benfica-Belenenses (1 e 2) e «Os Treze» — Sporting (3)



Chaves de todos os modelos

Perdeuras? Partiram-se? Roubaram-lhas? — manda fazer outras na **CASA DAS CHAVES** de Amadeu Gomes da Fonseca R. da Mouraria, 3 (Frente do Cinema) Tel. 260543

CAMPEONATO DE FUTEBOL DO PORTO

No encontro Salgueiros-Leixões: 4 — A jogada que deu o 1.º «goal» do Salgueiros; 5 — Um arrojado mergulho de Peixoto para arrebatat a bola ao extremo-esquerdo do Leixões

A MARCA QUE EU VOU USAR EM CHAPÉUS E BONÉS

OS GRANDES TORNEIOS DO FUTEBOL

SPORTING é campeão sem derrotas**O Benfica-Sporting nos seus aspectos essenciais — A última jornada**

Crónica por TAVARES DA SILVA

COM a décima jornada acabou o 39.º campeonato de futebol de Lisboa, ganha mais uma época, e pela 17.ª vez, pelo Sporting Clube de Portugal. O desafio Sporting-Atlético, em atraso desde que o parecer do Conselho Técnico seja oficializado, não interessa nem um mínimo, nem para o Sporting nem para o Atlético, que já não podem alterar a sua posição, aperecendo deste modo, e simplesmente, como uma coisa aborrecida. Um peso morto...

Não se poderá dizer que a época de Lisboa tenha fechado mal. Julgamos própria a designação. *Época de Lisboa* não significa que se deixe de jogar a bola nos campos lisboetas, mas sim que se vão rasgar novos horizontes, numa compelição que abrange todo o país e na qual as associações distritais, como órgãos dirigentes, desenvolvem um papel assás secundário. É a oportunidade de se darem a torneios tendo em vista a formação de jogadores.

O campeonato de Lisboa fechou bem. Não o dizemos quanto ao vencedor ou ao seu desfecho, que isso fica para mais tarde, mas no que se refere à manifestação desportiva propriamente considerada.

A *final* dominou tudo, apagando todo o resto. Foi um espectáculo de grande beleza, sob todos os pontos de vista, especialmente no aspecto técnico e no do valor e importância do desporto. Já durante a semana se falava muito no desafio. No domingo, o caso transformou-se numa grandiosa festa, sendo pena que o Campo Grande não tenha condições para albergar grandes assistências, ainda por cima vendo diminuídas as suas possibilidades de bilheteira com uma densa população associativa. É certo que a festa futebolística se implantou no campo do Benfica. Nos outros lados, dadas as condições anormais da luta no Estoril e o desinteresse das Salésias, nada se passou de notável. Um pouco, talvez, a derrota do Belenenses. No entanto, a *final* Benfica-Sporting forneceu um magnífico jogo, e dele se podem extrair várias conclusões que vão encaixar-se no progresso do jogo em Portugal, segundo uns, e na sua decadência, segundo outros.

No quadro geral dos *teams* não se registaram sensíveis alterações, — prova de que os grupos se consolidam aos poucos: Benfica, Estoril e Atlético não fornecem quaisquer novidades a este respeito. Onde há alguma coisa a dizer é no Sporting, que rectificou a sua orientação, apresentando Veríssimo no eixo da linha medular e Nogueira na asa esquerda, e uma formação dianteira reforçada com Canário. O que significa que o Sporting se lembrou a tempo de que o papel dos *interiores* assume hoje a maior das importâncias. O Belenenses caminha incertamente, sentindo-se, em todos os seus actos, dúvidas e indecisões. Agora, José Pedro regressou ao seu antigo posto.

Enfim, o Sporting venceu. Não se limitando a vencer, como atravessando todo um campeonato sem derrotas. O Benfica, que logo se segue, ainda que a distância respeitável de pontos, portou-se bem, perdendo apenas no *sprint*. O Belenenses, com reacções, comportou-se modestamente e longe do que pode fazer. Lembremo-nos que teve o título ao alcance da mão. Este, o melhor lote.

O Estoril entrou com o pé direito. Logo na primeira intervenção situou-se no quarto lugar, pondo fora do campeonato nacional um *team* como o Atlético, vibrante e aguerrido. A C. U. F. encontra-se situada no 5.º lugar. Se os ventos não mudarem de feição competirá ao Atlético disputar o jogo dramático da passagem, sofrendo o ataque do campeão da Segunda Divisão.

As forças de Lisboa, insista-se neste ponto, estavam bem distribuídas. A diferença entre o

primeiro e o último, em qualidade de jogo, não é escandalosa, e os postos estão separados, em doutrina, por uma mortalha de papel. O Sporting é, legitimamente, de facto e de direito, o campeão de Lisboa de 1944-45.

As características desta "final" brilhante e emotiva

No Campo Grande, cheio de bandeiras clubistas, num ambiente curioso de exaltação e entusiasmos, os grupos apresentaram as formações a seguir indicadas.

Benfica: Martins; Gaspar e Cesar; Moreira, Albino e Xico; Espírito Santo, Rogério, Júlio, Teixeira e Manuel da Costa.

Sporting: Azevedo; Cardoso e Marques; Barrosa, Veríssimo e Nogueira; Cruz, Canário, Peyroteo, A. Marques e Albano.

Arbitro: Manuel Andrade Pinto.
Reconhece-se claramente, pela enunciação dos nomes sportingistas, que o clube traçou uma orientação, consistindo esta na factura de um *team* tanto quanto possível forte e pesado. Um grupo capaz de suportar o grande esforço da hora e meia, movendo-se num terreno enlameado. A colocação do valoroso Veríssimo, no centro da medular, e a entrada de Nogueira, tipo de jogador à base da força, assim o dizem.



De resto, esta arrumação tinha ainda a vantagem de passar para a linha de frente um homem que, como Canário, bem pode ser um cérebro de qualquer equipa. Este ideia deve ter sorriso a quem fez o *team*.

Não há dúvida que a orientação produziu bons resultados. O grupo, quando deixou o capítulo da organização ofensiva, sendo chamado à defesa, mas à defesa em todos os momentos e situações, respondeu com o chamado

jogo atlético, em termos de impressioner (inclu-se o jogo de posição).

Justamente, no lado do Benfica, aquilo que faltou na hora de forçar o jogo foi, precisamente, força e músculos. A linha avançada benfiquense deu-se, é certo, no seu costumeado hábito de boa combinação e arte, a jogadas de efeito, mas não teve um homem em fureção, um destes elementos que, jogando pouco, embora, pela sua dureza e pelo poder físico conseguem abrir a brecha necessária, criando a oportunidade do *goal* à certa. Tudo isto porque o estado do terreno era pouco propício ao desenho do jogo.

O Sporting assentou o seu plano de defesa, cumprindo-o escrupulosamente em todos os instantes; o seu jogo de marcação foi primoroso. Esse plano veio ao de cima, particularmente, na fase de ataque do Benfica. Cada homem de defesa a cada unidade do ataque. Mesmo assim, claro que o Benfica poderia ter marcado. Mas não há dúvida que poucos remates à baliza sportingista foram executados no à vontade próprio do *goal*...

O Benfica também se deu ao *jogo de posição* estreito. Viu-se na primeira parte como o grupo funcionou, neste plano. Pode dizer-se que, pelo tempo adiante, o Benfica deixou de se interessar pela *marcação* para, num esforço prodigioso de fé, viver sob a ideia de ataque e de *goal*. Tal resulta das condições em que a luta decorreu. Mais nada. Normalmente, uma equipa não abandona o seu sistema. Neste caso especial, o que acontece é que aquela orientação acima referida fazia parte do plano.

Na primeira parte, ambos os grupos praticaram excelente futebol. Sob o ponto de vista territorial, o encontro marca a nota de equilíbrio ao fim do 1.º tempo, e o 1-1 corresponde à verdade. Cada equipa moveu-se em conjunto, com singular agilidade, tanto no capítulo do ataque como no da defesa. A nota curiosa reside no facto de se ter visto, com certa nitidez, a onda do ataque de um deles, e logo a seguir o refluxo do outro.

A luta entre os médios-centro deverá ser apontada como exemplo do que se passou em todo o desafio. Veríssimo, acivo, procurava almentar a linha avançada, via interiores. Albino fomentava os avanços dos seus homens, procurando cruzar o jogo. Nolava-se no Sporting, diga-se em pormenor, um excesso de passes dos *backs* ao guarda-redes.

Ao quarto de hora, numa jogada de insistência de Peyroteo, com passe para Albano, este centrou como melhor não se pode fazer, e Canário, de corrida, assentando bem a bola na barriga do pé, com um estupendo remate, produziu o grande *goal* da tarde.

A toada de equilíbrio continuou a manter-se, ainda que o Benfica vivesse mais ao ataque. Aos 24 minutos, num *tiere* marcado por Francisco Ferreira e resultante de *falta* de Barrosa (muito *punido* no decorrer de desafio), Azevedo não blocou a bola, deixando-a cair para a frente e tanto bastou para a intervenção feliz de Júlio.

A segunda parte foi diferente. O Sporting concentrou-se mais na defesa. O facto dele aceitar a vantagem territorial do adversário, passada que foi a fase inicial, não significa inferioridade acentuada do *team*. Representa apenas a necessidade de defender um resultado, e mais do que isso, todo um conjunto de resultados num torneio difícil pelo equilíbrio de forças e distribuição de valores. Uma posição que o Sporting não podia ariscar. Numa palavra, o seu papel era aquele. Cerrar fileiras e submeter o adversário a vigilância de todos os momentos, não perdendo, no entanto, o sentido de ataque quando a *oportunidade* surgisse.

Seja como seja, não há dúvida que este período foi de domínio territorial intenso e absorvente do Benfica, vendo-se o *goal* em três ou quatro golpes que lançaram o pânico na camada de adeptos do Sporting.

Aos 25 minutos, verificou-se a troca de Espírito Santo com Rogério — porque não logo com Júlio, o que mais tarde se deu? Desejo vivo de

OS GRANDES TORNEIOS

Futebol do Minho ao Algarve

intensificar ainda mais o ataque no conquista de um *goal*, que seria o suficiente.

Os defesas benfiquenses tinham-se instalado, é o termo, no campo do Sporting. Eram também afacantes de reforço. Aos 27 minutos, a inutilização de Marques, não quebrando o sistema de defesa do Sporting, veio dar ainda a possibilidade de um ataque mais vivo por parte do Benfica.

Todavia, e caso curioso, foi nessa altura, aos 28 minutos, que Albano, colhendo uma *bola morta*, na linha lateral, em dívida dos *teams* sobre se estava fora ou não, passou resteiro a Peyroteo que, rápido e tendo perfeitamente a visão do caso, marcou a segunda bola com um «chute» cruzado, resolvendo definitivamente o problema. Daí para diante, o Benfica não renunciou à luta, lutou, barefustou, mexeu-se. Todavia, já era diferente: objectivo superior às forças benfiquenses. O futebol produzido nesta parte pode caracterizar-se assim: futebol de conjunto do Benfica, com todos os homens ao ataque; futebol de resgos do Sporting, com todos os homens à defesa.

Evidentemente, o Benfica não leve a sorte pelo seu lado: não conseguir uma bola no período do seu domínio, e sofrer um *goal* nas condições em que o Sporting marcou, é realmente de arrepiar e de desanimar. No fundo, são as coisas características do futebol.

A arbitragem do sr. Manuel Andrade Pinto, loda ela impregnada de grande serenidade pecou, no entanto, pela razão de sempre. Já assim se pode dizer do que vem acontecendo na arbitragem portuguesa: não deixar utilizar o corpo sob a letra do próprio espírito das Regras. Na disputa da bola, o jogador pode empregar o corpo contra o corpo do outro jogador. Insisto-se nisso. O que não se pode fazer são outras coisas...

A final Benfica-Sporting apresentou todos os caracteres próprios destes grandes encontros. Os jogadores revelaram a sua vontade, o que não exclui certo nervosismo. O público vibrou intensamente, sofrendo ou alegrando-se. Mais sofrendo do que outra coisa, pois a ideia acerca do resultado manteve-se indecisa até quase ao final — tanto para um lado como para outro. Enfim, desejos como este honram o futebol de Lisboa.

«A final para o título» de «campeão» do 4.º lugar

No campo da Amoreira, lá para as bandas do Estoril, disputou-se uma *final*, a segunda inesperadamente enxertada no campeonato de Lisboa, tendo em vista o título de «campeão» do 4.º lugar. Luta empolgante, travada por assim dizer, do princípio ao fim, entre dois concorrentes, o Estoril e o Atlético, resolvida a favor do primeiro. E' de deplorar que o Atlético, agora, ao dar-se ao aperfeiçoamento do seu campo e numa fase de desenvolvimento clubista, tenha ficado de fora e ainda arriscado a sofrer as funestas consequências de um *jogo de passagem*. Isto são considerações sentimentais. A verdade é que os torneios são implacáveis. E o Estoril ganhou a partida revelando inegáveis qualidades de brio e razoável valor técnico.

Ha que dizer que o Atlético, não tendo sorte na última jornada, como noutras, de resto, em que tão necessária era, conservou toda a sua aptidão em campo. O *team* lançou-se com vibrante entusiasmo ao ataque, e nesse período de começo o Estoril sofreu a investida corajosamente mas nem sempre com a devida eficiência no sector de defesa. Para sua felicidade, os remotes do Atlético não estiveram à altura do jogo desenvolvido, e o mau momento passou, depressa voltando a bonança ao campo do Estoril.

Todos sabemos que Gregório, o médio-centro do Atlético, é a base do grupo, o chamado *puntal*. Compreende-se, assim, a influência que a sua inutilização, por distensão muscular, provocou no *team*. Daí para deante, só podia haver um vencedor. Era indiscutivelmente o Estoril. Não significa isto que o vencedor não tivesse ganho, mesmo com as hostes de ambos os lados completas, mas o triunfo seria bem mais difícil. O Estoril, tomando ascendente no primeiro tempo, jogou na segunda parte como quis e lhe apeteceu, inteiramente à vontade. A inutilização de Baptista evoluiu ainda mais a desorganização do Atlético. O *team* vencido, a breve trecho, estava esgotado.

PÓRTO — O campeonato regional português terminou com resultados verdadeiramente imprevisíveis. Salvo o obtido pelo Boavista em frente do Leça — mais regular, embora pouco expressivo, mas de harmonia com o valor dos grupos, levando-se em conta o factor ambiente — os 11-0 do F. C. do Porto-Académico e os 3-0 do Salgueiros-Leixões foram números absolutamente inesperados. Ninguém calculava que o Leixões deixaria de defender a sua sorte, tanto mais que o último posto estava mais à sua vista do que o do Académico, igualmente foi um «banho gelado» a «checotombes» provocada pelo F. C. do Porto; com esse resultado, o Académico prejudicou-se e viu-se relegado para a situação de «lanterna vermelha».

Parecia que o jogo do Leça deveria ser o mais regular, embora o Leixões não tivesse dado, durante o campeonato, vislumbres de poder enfrentar qualquer grupo com segurança. No entanto, admitia-se um jogo emocionante, com oscilações no marcador, jogado no que se diz «taco-a-taco». Não sucedeu assim. Assistimos a uma 1.ª parte toda do Salgueiros, e vimos um 2.º tempo que foi, quasi, a reedição do 1.º. O Salgueiros fez um dos melhores jogos da temporada, lutando com certa regularidade — talvez pela pouca personalidade do contendor — com os seus homens a ocuparem conscientemente os seus lugares.

O Boavista bateu o Leça pela tangente — 1-0 — o que não chegou para contrariar a «goal-average» do Salgueiros. O seu eterno mal — falta ou mau remate — foi o causador, mais do que outra coisa, da que o Boavista não ascendesse à 1.ª divisão. E mais uma oportunidade perdida. E, entretanto, o Boavista arrancou em Leça, derrotando um adversário agüerrido, um triunfo que fica a compensar o seu esforço, mas que não não chegou para o levar até ao Torneio Máximo. Jogando de igual para igual, os «xadrezados» somente na 2.ª parte obtiveram o «goal» da vitória, feito por Calado.

O F. C. do Porto «pagou-se» do empate que arrancou no Estádio de Lima, no jogo da 1.ª volta com o Académico. Os números falam por si, e temos a certeza de que os rapazes do Lima ainda andarão esta hora a perguntar como «aquilo foi». Assim, o Académico, que fugira ao último lugar, foi de novo atraído para ele, porque o seu «goal-average», melhor do que o do Leixões, sofreu um trambalhão integral com o aumento de mais 11 bolas contra...

Os campeonatos regionais chegaram ao intervalo com 3-0. Os restantes oito foram conseguidos perante quasi que a indiferença da turma académica.

A pontuação final foi a seguinte: F. C. do Porto; 22 pontos, 81-14; Salgueiros; 23 pontos, 15-14; Boavista; 22 pontos, 19-19; Leça; 16 pontos, 13-22; Leixões; 15 pontos, 13-27; Académico; 15 pontos, 10-30. Como pormenor, registre-se o facto de que o 1.º e 2.º classificados do campeonato regional português sofreram igual número de «goals» — 14.

ALGARVE — O S. C. Olanense, campeão há 2 domingos, foi desta vez surpreendido pelo seu velho rival, S. C. Farense. Perdeu 2-0. Mas os homens da capital do distrito, entretanto, apenas conseguiram o 4.º lugar, bem modesto para as suas aspirações. O Lusitano de Vila Real ganhou ao Portimonense por 4-0, ficando os dois grupos com o mesmo número de pontos: 24. Nos últimos lugares, o Glória e o Louletano (12 pontos). O «team» de Loulé, na última jornada venceu os seus colegas de classificação por 3-1.

AVEIRO — No campeonato azeiteiro, as coisas complicam-se sempre — de principio a fim. No domingo verificaram-se os seguintes resultados: Espinho-Oliveira;

O Estoril, no entanto, deixou boa impressão. No período da vantagem do Atlético tentou, algumas vezes, a penetração pelo centro do terreno, utilizando a sua excelente unidade que se chama Petrak. Pelo tempo fora, o onze ganhou absoluto ascendente, mostrando coesão e uma excelente preparação física. Trata-se de um pormenor importante, porque os campeonatos são longos e os desafios disputados em terrenos de diferentes espécies.

Todos os elogios são poucos para o *team* da C. U. F., revelando o papel decisivo que tiveram numa partida os sentimentos da vontade e fé clubista. O grupo lutou — pela luta ao último lugar, conseguindo situar-se, tal qual as coisas se apresentam de momento, um ponto acima do Atlético.

Lutou com tanto entusiasmo que, tendo o Belenenses chegado aos 3-0, o grupo ainda teve forças suficientes para chegar ao lado do adversário, passando-lhe em seguida adiante. Bem sabemos que o desafio não oferecia interesse para o Belenenses, e que tal circunstância, mesmo insensivelmente, deve ter pesado no ânimo dos jogadores. Todavia, descontando todos estes factores, não ha dúvida que a vitória sóbria o Belenenses representava sempre alguma coisa. De resto, já noutras partidas a C. U. F. demonstrara jogo de conjunto e de bom nível. Por outro lado, a relativa facilidade desta vitória diz-nos que a defesa belenense tem qualquer coisa que não está certa. Ver-se-á no decorrer do Campeonato Nacional.

rense, 4-3; Sanjoanense-Beira Mar, 5-0; Lamas-Ovarense, 5-1. Isto, traduzido em pontos, quer dizer: a Sanjoanense tem agora 15 pontos, contra 14 do Espinho e 12 do Oliveirense, que perdeu no campo da Avenida. O Lamas passou à frente dos rapazes de Oliveira de Azeiteis, com 15 pontos. Em penúltimo, a Ovarense, com 5, e na cauda da classificação, com 2 jogos e 2 pontos — o Beira Mar de Aveiro.

BRAGA — O Vitória S. C., de Guimarães, era já possuidor do campeonato na última jornada. Só nos lugares secundários poderia haver interesse, como houve, afinal. Os vimaranenses venceram por 3-1 o Gil Vicente, e a luta Braga-Famalicão, empatada por 2-2, deixou os bracarenenses definitivamente em 2.º lugar, com 14 pontos. O Famalicão 3.º e o Gil Vicente 4.º.

Na série B, o S. C. Fafe ganhou ao Vianense por 3-0 e classificou-se em 1.º lugar, seguido pelos rapazes da Beira Lira. Em 3.º e 4.º, o F. C. Fafe e o F. C. Vileza, embora este tivesse ganho aos seus rivais faveses por 4-1.

COIMBRA — Já se havia dito que a Associação Académica ganhou desde a penúltima jornada. No domingo ganhou ao Anadia, por 3-1, mas os visitantes saíram-se do último lugar, que pertence mais uma vez ao Sport, agora derrotado por 4-0 com a Naval da Figueira da Foz (21 pontos). O União de Coimbra venceu o Lusitânia por 4-0 e fixou-se definitivamente no 2.º posto.

ÉVORA — O campeonato está concluído com a vitória do Grupo União Sport, que totalizou 18 pontos, contra 15 do Juventude S. C., 2.º classificado. A seguir classificaram-se: Lusitano Gimnástico Clube, com 12, e Extremoz F. C. com 8.

LEIRIA — Neste campeonato, o Alcoabá e o Império Arriense empataram 1-1; o Atlético ganhou ao Comércio e Indústria de Alcoabá por 3-1. Faltam ainda resultados de outras zonas para ser conhecida com verdade a classificação geral.

PORTALEGRE — O Sport Lisboa e Elvas e o Portalegrense possuem as maiores vantagens em ganhar o título. Os encarnados elvenses obtiveram 13 pontos, e o Portalegrense e o Lanifícios 9 cada. O Alentejo conseguiu 5 — e assim concluiu a primeira volta. Adrinhan-se que a luta principal se vai desenvolver entre o Portalegrense e o S. L. Elvas, visto que o primeiro tem subido de forma nos últimos desafios.

SANTARÉM — Resultado do último domingo: Sporting Alcanquer-Alhandra, 1-4; Alverca-Aguias Vilafranceses, 3-1; Sporting de Loures-Alcanense, 6-1. As classificações da penúltima jornada estavam assim distribuídas: S. G. U. Operária e Os Leões, 12 pontos; Associação Académica, 11, e S. L. e Cartaxo, 5. Na série A, estavam classificados: Operário Vilafranceses, 19; Aguias, 15; Alhandra S. C., 12; Alverca e Alenquer, 10; Estas classificações, todavia, com a prova ainda em curso, podem ser alteradas.

SETÚBAL — Teve tanto de surpreendente no penúltimo dia o empate que o Vitória fez com o último classificado, Luso, como a derrota estrozanosa que infligiu na derradeira jornada ao terceiro da tabela, o Onze Unidos, do Montijo, por 12-0. Houve desorientação ou falta de interesse por parte do vencido? A pergunta é natural, pois o resultado não se harmoniza com o valor dos dois grupos. Seja, porém, como for, os números ficam para a história da bola — e esta tem de registar um fecho de campeonato verdadeiramente honroso para os setubalenses, e, sobretudo, a conquista do título de campeão, mais uma vez.

A um ponto de diferença do campeão e em segundo lugar, ficou o Barreirense, também vários anos detentor do almejado título. Ainda esta época não teve a sorte do seu lado, mas foi competidor de respeito, como sempre. Pode dizer-se que perdeu o campeonato distrital nos jogos que lhe coube fazer com o campeão. Isso já é algo de muito e diz muito do seu valor. Desicou-se para Amora, batendo o *team* local (3-1), com apreciável exibição de conjunto e finalidade de jogo, que o «score» não traduz.

O Luso ainda procurou fazer a entrega da lanterna vermelha, mas o Seixal não lhe quis receber... Tanta oposição encontrou que acabou por mantê-la em seu poder. Os setubalenses tiveram a felicidade do seu lado e com a vitória alcançada (2-1), subiram ao quinto posto.

De maneira geral, tudo ficou mais ou menos nos seus devidos lugares, que a classificação final, melhor do que as palavras, a seguir indica:

Vitória, 50 pontos; Barreirense, 39; p. Onze Unidos, 32 p.; Cuf, 26 p.; Seixal, 24 p.; Amora, 24 p.; Luso, 21.

O Arrentela apenas nos mostra 12 pontos, por ter sido suspenso de toda a actividade desportiva.

VISEU — O Sport-Lisboa e Viséu, agora no Estádio de Fontelo, ganhou folgadoamente ao Bodiense por 4-0. Com este resultado, os encarnados da capital da Beira Alta têm o mesmo número de pontos (11) que os adversários mais próximos da cidade. O Académico, entretanto, continuou a comandar o Torneio com 12, enquanto o Desportivo de Fontelo, com menos 1 desafio, conseguiu apenas 6.

Um homem com a barba por fazer

Que feio! Tão pouco elegante! Diremos até: não agrada a atigação e dá a impressão de pouco asseio. Mas quantas vezes o motivo é a pele, que não admite a lâmina senão de dias a dias: um martírio!

Pois bem: faça a barba e aplique Gylcol — o ideal da pele — e verá como de obtém resultados maravilhosos e pode barbear-se todos os dias.

A venda nas principais casas da especialidade e boas farmácias.

Deposítários gerais: Venturá D'Almeida & Pena, rua do Guarda-Mór, 30, 3.º, esq. (a Santos), Lisboa.

Enviamos amostras contra 500 em selos do correio, nome e morada.



SPORTING VENCEU!

a energia do Benfica não bastou para a vontade dos "leões".



1 - Os campeões: no primeiro plano, da esquerda para a direita: João Cruz, Canário, Peyroteo, António Marques e Albano; no segundo plano, pela mesma ordem: Szabo (treinador), Manuel Marques, Nogueira, Veríssimo, Cardoso, Barrossa, Marques (massagista) e Azevedo. 2 - A fase que deu o «goal» do Benfica. Azevedo deixará escapar a bola enviada por Gaspar - e Júlio oportuno, fará o ponto. 3 - Manuel Marques em luta com Júlio, inutiliza os esforços do persistente «encarnado». 4 - Sempre plétórico de vivacidade e engodo pelo «goal», Teixeira empenha-se arduamente para passar a barreira formada por Albano e Canário. Albino aguarda... 5 - Defesa de Azevedo no seu estilo correcto. Teixeira corre, mas Cardoso prepara-se para proteger o seu guarda-rédes. 6 - Manuel Marques, o grande defesa da tarde, sai do campo, terminado o desafio, amparado por dois companheiros, mas com um natural sorriso de satisfação... 7 - Peyroteo, apesar do seu enérgico salto, não consegue evitar que Martins lhe arrebate a bola, embora defendendo para perto. Notar as máscaras dos jogadores que os rodeiam



A final Benfica-Sporting

O PENSAMENTO DOS VENCEDORES E DOS VENCIDOS

SZABO
diz porque venceu
o SPORTING

NO vestiário do Sporting tudo é alegria. Todos confraternizam: jogadores, treinador e dirigentes.

Szabo, radiante, pintalgado de malhas na face, mais corado do que nunca, chupando serenamente pelo seu cachimbo de primeira ordem (talvez presente de amigo), não esconde a sua vicíssima satisfação.

O homem que, encontrando-se há 19 anos no nosso país, depois de passar pelo Sporting Farense, Sporting de Braga e Futebol Clube do Porto, instalando-se em seguida no Sporting, já conquistou 39 campeonatos, com o do passado domingo, e 18 desses 39 nos leões, só tem inicialmente uma palavra para nos dizer, quando lhe fazemos a pergunta sacramental: Porque ganhou o Sporting?

— Estou contente.

Os seus olhos, miudinhos e gaiatos, como que riem. A sua face enrugada-se, realmente, de contentamento.

Insistimos, porém: Homem, dê-nos as suas impressões. Algumas palavras que seja. Os factos têm sempre justificação...

— Acho justa a vitória do Sporting. Concedo que o Benfica, na segunda parte, dominou muito mais. Nessa altura, porém, a organização defensiva do Sporting foi qualquer coisa de muito sério. E repisando:

— Diga lá na sua simpática revista. Qualquer coisa de muito sério...

Queremos tirar mais um pouco para a nossa prosa:

— O melhor jogador? Foi Manuel Marques, tão bom como Caruzo no canto e Beethoven na música... Agradou-me a arbitragem; e gostei do público. Já se vai sabendo ver bola em Portugal.

Várias opiniões
autorizadas...

FALAM OS VENCEDORES

Dr. BARREIRA DE CAMPOS, presidente da direcção do Sporting:

«O Sporting venceu porque o animo hoje ama fé vivíssima no seu destino e nas suas possibilidades. Sem dúvida, o clube criou a vontade indispensável para se triunfar numa competição.

«Estou reconhecido a todos os jogadores. Jogaram bem, principalmente — e considero esta faceta de alto valor — com extraordinária vontade, com o vigor de sempre.

«O Benfica não foi pior que nós. Poderia até ter vencido. Mas venceu o Sporting. Era o que queríamos. O nosso ardente desejo.

«Hoje, é um dia de alegria para os «Leões».

CARDOSO, capitão do Sporting:

«Merecemos a vitória. Jogámos bem; menos do que poderíamos jogar. É possível que a equipa tenha revelado defeitos de ordem técnica, mas residia nela uma vontade de ferro.

«Actuámos dentro do princípio que estava destinado: marcar estreitamente aqueles valores que considerávamos os elementos mais perigosos do Benfica: Teixeira e Francisco Ferreira (não se poderá dizer que a orientação não tenha resultado).

«O Benfica jogou dentro daquilo que esperávamos, com invulgar energia e entusiasmo. Foi um adversário de valor.

TAVARES DA SILVA, jornalista e técnico, de conhecida filiação sportinguista:

«Falando como partidário, devo dizer-lhe que, quando se ganha, não vale a pena investigar o porquê. — É saborear o fruto...

Um «ENGRAXA», adepto do Sporting:

«Aquilo é que foi bom! Os rapazes do Benfica tinham a coisa como certa. Estão com uma «beija»: Eu acho que o Sporting jogou muito melhor. O Benfica dominou um bocadinho, mas nunca meteu medo cá à rapaziada...

FALAM OS VENCIDOS

COSTA E SOUSA, presidente da actual direcção do Benfica:

«O terreno influiu decisivamente no rendimento do jogo e do futebol praticado. Os nossos avançados, mais leves e mais frágeis, accusaram o facto nitidamente, mais do que o que seria de calcular...

«É certo que, por outro lado, não fomos felizes.

«Com o domínio que exercemos, pode dizer-se, no decurso de toda a segunda parte, o resultado bem poderia ter sido o inverso daquilo que foi.

«Seja como seja, trata-se de futebol, que é jogo, cumprindo-me felicitar o adversário vitorioso.

ALBINO, capitão do Benfica:

«Com o terreno seco era outra «conversa». Mesmo assim, trabalhámos com vontade. Tivemos pouca sorte. Já se sabendo que, em futebol, a falta de sorte conduz à derrota...

RIBEIRO DOS REIS, jornalista, técnico e conhecido elemento do Benfica:

«O estado do terreno prejudicou muito os avançados benfiquenses, por mais frágeis. A nossa linha avançada, por esse simples facto, perdeu cinquenta por cento do seu mérito. A asa direita, por exemplo, ilustra o que afirmo. Via-se logo nos primeiros instantes que o Benfica estava inferiorizado.

«O Sporting, pelo contrário, mais pesado, teve vantagem. De resto, como não foi forçado a bater-se pelo resultado, pois nunca chegou, em nenhum momento da partida, a estar na situação de vencido, a sua máquina de defesa funcionou às mil maravilhas.

UM GAROTO DOS JORNAIS, adepto do Benfica:

«Olhe, sabe que mais 10 Benfica merecia ter ganho por meia dúzia. Bem sei que Azevedo é um jogador de alto lá com ele, mas também sofre bolas como outro qualquer. Não via como é deixado entrar a bola do Benfica? Numa palavra, o Benfica perdeu porque o Sporting teve muito «leite»!

BIRI
diz porque perdeu
o BENFICA

CHEGAMOS à cabine do Benfica um pouco depois da saída do campo. Como se compreende, o ambiente era de tristeza. Ninguém, nem dirigentes, nem treinador, nem jogadores, escondia o seu estado de espírito.

Há quem entenda e diga que os jogadores não sentem as vitórias e as derrotas. Injustiça tamanha! É vê-los, no fim de um encontro que dá ou tira um campeonato, no vestiário, cabisbaixos, tristes, dominados pela sorte, como se lhes tivesse sucedido a maior das desgraças. Alguns, mais sensíveis, chegam a chorar. Outros, estoicos, reprimem as lágrimas.

Quando entramos no vestiário do Benfica verificamos calma. Biri, o treinador, atende aquelas mil e uma pequenitas coisas que se torna necessário atender. Jogadores e treinador formam um bloco, sendo indiscutível que, precisamente nos maus momentos, importa que a serenidade do que comanda ou treina um grupo não deixe os seus homens perderem a moral.

Biri, dada a nossa amizade, não fugiu a dizer-nos as suas impressões sobre o match, que resumiremos do seguinte modo:

«O Sporting lutou briosamente pelo resultado. Mereceu a vitória, sobretudo por ter sabido organizar, e executar, o seu plano defensivo.

No Benfica faltou poder físico na linha da frente; não basta, por vezes, ter habilidade — é preciso também o sacrifício muscular de abrir brechas.

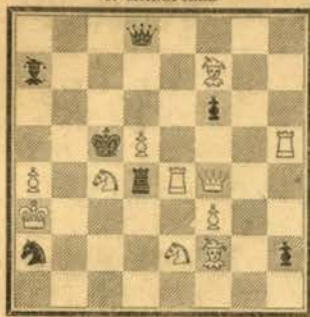
Tivemos, no entanto, muita infelicidade nalguns momentos em frente das balizas. Perdemos ainda algumas oportunidades das chamadas de goal certo. É o futebol, afinal...»

XADREZ

PROBLEMA N.º 19

B. C. F. Tournay n.º 43 — 1943/44

C. MANSFIELD



2.º prémio Mate em 2 lances

Algumas gralhas tipográficas brindaram com a sua desagradável presença a nossa crónica anterior, deturpando, entre outros, o n.º do problema — que devia ser 18 — e a solução do n.º 18, que é 1.B-b2, e não 1.B-32. As nossas desculpas.

Os grandes jogos internacionais

Começamos neste número a publicação de uma série de partidas internacionais, inéditas em Portugal, transcritas de revistas da especialidade chegadas recentemente do estrangeiro.

A que inserimos hoje foi jogada pelos «leaders» do campeonato dos Estados Unidos da América do Norte — e foi decisiva. Denker totalizou 15,5 pontos, não perdendo uma única partida. Ruben Fine, grande Mestre Internacional, 6, possivelmente, o candidato mais sério, classificou-se em 2.º, com 14,5 pontos, seguido de Horowitz e Steiner, «ex-aequo», 14 pontos, e Planku, Rasheawsty, campeão dos E. U. A. há muitos anos, não jogou.

PARTIDA N.º 1

Defesa Nimzowitch (Campeonato Norte-Americano—1944)

Branças: Denker

Pretas: Fine

1. d4, Cf6; 2. c4, e6; 3. Cc3, Bb4; 4. e5, b6; 5. Bb5, Bb7; 6. Cf5, Ce7; 7. o-o, Cxcs; 8. b2xc3, Bxc3; 9. Tbl, Ba5; 10. Ba3, d6; 11. c5, o-o; 12. c3xd6, e7xd6; 13. e4, Te5; 14. e5, d6xc5; 15. Cxcs, Dg5; 16. g3, e6; 17. Dd4, Dd5; 18. Tf—c3, b6f7; 19. Bxb6, Dd4; 20. f5, Bb6; 21. Td5, Bxc3; 22. Bxc5, Tf5; 23. Bc4, Bc6; 24. Bxd5, Bx44; 25. Bxa8, abandona.

Num dos próximos números: a mais bela partida do campeonato norte-americano.

O desporto no II Congresso da União Nacional
Amadorismo e profissionalismo

Já nos referimos, num ou noutro comentário, ao interesse que a União Nacional dispensou ao desporto lusitano no seu segundo congresso, há pouco tempo realizado em Lisboa. Em algumas das suas reuniões preparatórias e plenárias ventilaram-se problemas desportivos de grande relevo e formularam-se conclusões que podem ter longo reflexo ou projecção na expansão dos desportos, que começam a constituir uma preocupação de ordem nacional.

O desporto e a educação física estiveram distribuídos à XVI secção da primeira Secção do Congresso. Apresentaram-se 49 estudos — 28 sobre Educação Física e desportos e 22 acerca de assuntos de saúde escolar. Foram apenas apreciadas 23 teses, às quais corresponderam 149 conclusões. Não se discutiram cinco trabalhos, figurando neste número a tese «Piscinas e Campos de Jogos», do engenheiro Mário Pires Ventura. Estas são as notas estatísticas de resumo do trabalho efectuado. Constam do «Relatório e Conclusões», publicado recentemente.

Para dar melhor ideia do trabalho em referência, basta indicar alguns dos problemas estudados e apontar os nomes dos seus autores: «Função do Instituto Nacional de Educação Física na Sociedade Portuguesa» e «Educação Física Escolar», pelo dr. Leal de Oliveira; a Educação Física na Mulher, na Escola Primária Elemental, na «Mocidade Portuguesa» no Exército e na Armada, respectivamente da dra. D. Maria Luiza Vanzeller, capitão Quintino da Costa, capitão Celestino Marques Pereira, capitão Veiga Cardoso e 2.º tenente António Tengarrinha Pires; a «Educação Física Pré-Militar», do capitão Celestino Marques Pereira, e «Para-Militar», do capitão Gomes Marques.

O desporto, objectivamente focado, deu motivo a várias teses — esgrima, natação, re-

mo, aviação sem motor, campismo, carreiras de tiro, piscinas e campos de jogos, apresentadas respectivamente pelo capitão Campos de Andrada, José Dias Pereira, dr. Ernesto Tomé, capitão Quintino da Costa, engenheiro Varela Cid, José Duarte Aiala Boto, coronel Francisco, António Real e engenheiro Mário Pires Ventura. Neste grupo, merece relevo especial, por tratar de um assunto de conjunto, a tese apresentada pelos srs. Mário de Noronha e Alvaro Frade sobre «Princípios de Orientação Geral da Cultura — Linhas Gerais de Solução do Problema Nacional».

Neste trabalho abordam os dois desportistas e dirigentes o problema do profissionalismo em desporto e das características da prática do desporto em determinados organismos. A velha questão fundamental entre amadores e profissionais é debatida com elevação e oportunidade. Diz-se, por exemplo: «O profissionalismo deve ser regulamentado de maneira que não possa confundir-se com o desporto, não alcance extensões socialmente nocivas e sejam os profissionais assistidos em determinadas condições». Afirma-se também que «os espectáculos de profissionais não devem gozar dos favores fiscais em relação a quaisquer outros», e que «parte das suas receitas devem reverter, em regime de compensação, em auxílio do desporto, através da D. G. de E. F. e D.» E acrescenta-se que é preciso combater o «falso amador».

Quanto a nós, temos de entrar resolutamente no campo da separação entre amadores e profissionais, mas dando à definição de amador uma classificação que não seja rígida. É indispensável essa diferenciação. O assunto é, no entanto, melindroso.

Outro aspecto da prática de desportos analisado nesta tese é o que se faz com grupos de casas comerciais e industriais. Uma das conclusões tem notável oportunidade. Transcrevemo-la: «A F. N. A. T. tomará as providências necessárias para que a acção dos grupos ou fundações desportivas das grandes empresas industriais ou comerciais e dos organismos corporativos e patrióticos, se destinem a proporcionar a todos os seus operários, empregados e filiados o prazer do desporto. A organização de competições não será impedida, mas evitar-se-á que se torne uma finalidade e dê preocupações excessivas quanto ao valor técnico dos grupos representativos».

Impõe-se, dissemos antes, a separação entre amadores e profissionais. Mas não deve ser descurado também o problema das relações entre o desporto e o comércio e a indústria. Não é apenas a questão do reclame à margem do desporto. É, ainda, e sobretudo, a diferença entre objectivos de desporto.

Onze Unidos Futebol Clube

A nova direcção do Onze Unidos F. C., do Montijo, teve a amabilidade de votar por unanimidade uma saudade ao director da «Stadium» e ao seu corpo redactorial. Comunicamos ainda que a direcção cessante aprovou igualmente um voto de louvor e agradecimento à nossa revista, pelos serviços prestados ao desporto e ao simpático clube ribatejano.

Agradecemos reconhecimentos estas manifestações de simpatia.

4 m. 31,6 s.; 4 x 100 metros-livres — I. N. E. F., 5 m. 33,3 s.; 10 x 25 metros-livres — I. S. T. 2 m. 31,2 s.; Saltos: Rui Bettencourt, I. S. T.

Uma lista em que há de tudo. Nomes conhecidos das fileiras clubistas e escolares».

É pena, por exemplo, que Bustorf Ferro não se dedique à natação. Igualmente de lamentar que Rui Bettencourt — que se deu ao luxo de bater o dr. Manuel Martins — não tivesse passado a dedicar aos saltos uma parcela da sua atenção, tanto mais que se trata de uma modalidade em que a escassez de valores é muito acentuada.

ABREU TÓRRES

NATAÇÃO

Balanco geral da temporada

II — OS CAMPEONATOS ESCOLARES

EMBORA os campeonatos nacionais universitários, realizados na primeira semana de Maio, não possam considerar-se, em rigor, dentro da época oficial de natação de 1944, entendemos dever dedicar-lhes algumas considerações, inclusive pelo muito carinho e interesse que nos merecem as competições entre estudantes, mormente entre universitários.

Isto nos levou à piscina do Técnico — e nos levou, também, por excepção, a tomar conta de um cronógrafo, na primeira jornada.

E porque na devida altura não pudemos expor com maior largueza certos pontos de vista e determinadas considerações, reservámo-las para agora, enquadrando-as no balanço geral da temporada.

Para nós, vistas as coisas frias e independentemente, os campeonatos nacionais universitários tiveram uma virtude, grande por sinal, e enfermaram de diversos defeitos. O que nos encantou foi o «clima» em que as provas se disputaram. Ambiente completamente liberto de ideias clubistas, portanto próprio e adequado. Público especial, correctamente entusiasta — os licenciados de amanhã, onde havia muitíssimas senhoras, a demonstrar que o desporto escolar, convenientemente amparado, tem, entre nós, belas condições de vida.

Nos restantes aspectos, há muita coisa a rever, em edições futuras.

Primeiro — campeonatos nacionais, porque? Essa designação só faria sentido se primei-

ramente se tivessem corrido os regionais, ou se fossem abertos a todo o país — e não circunscritos a Lisboa.

Depois, a escolha do local: a piscina do Técnico. Provas de campeonato nunca se deviam correr numa piscina sem dimensões regulamentares. A do I. S. T., com os seus 24 metros e picos, nunca devia ter sido a eleita para tal fim. A propósito: que belo serviço se prestaria à natação arredondando para os 25 metros o comprimento do tanque...

Além disso, a organização entregue a jovens inexperientes — cheios de boa vontade, é certo — tinha de ser fatalmente deficiente. Para nós, que por princípio não aceitamos cargo algum, acedérmos a cronometrar...

São pormenores bases, a ponderar convenientemente em futuras organizações e que deixamos expressos para bem do desporto escolar — pelo muito que lhe queremos.

Igualmente temos a opinião de que deviam estabelecer-se, com caracter oficial, os «records» universitários, à semelhança do que se faz no atletismo.

Para a história, arquivamos a lista completa dos campeões universitários de 1944:

100 metros-bruços — George Black, I. S. T., 1 m. 33 s.; 100 metros-costas — Bustorf Ferro, I. N. E. F., 1 m. 33,2 s.; 100 metros-livres — Francisco Alves, F. D., 1 m. 10,5 s.; 400 metros-livres — António Jardine Neto, F. C., 6 m. 43 s.; 3 x 50 metros-estilos — I. S. T., 1 m. 51,5 s.; 3 x 100 metros-estilos — I. N. E. F.,

O ESTORIL

classificou-se para o CAMPEONATO NACIONAL



No renhido jogo da Amoreira: 1—Valongo antecipa-se à entrada de um "atletico" e defende a sóco; 2—Entrada de cabeça—e o curioso pormenor de uma atitude que parece... de repouso...; 3—Marques procura escapar-se à defesa adversa; 4—Paiva lança-se para mais uma das suas defesas





No Jogo
C. U. F. - BELENENSES

1 — Quaresma executa de perto um difícil remate, que saiu fraco e Amílcar segurou a tempo; 2 — Uma entrada na altura própria...; 3 — Um mergulho que não era necessário, mas que a prudência aconselhou!



O SPORT LISBOA E BENFICA

Campeão em reservas e segundas categorias
Em cima — o "team" de reservas. Em baixo, o de segundas, acompanhado do treinador Biri



A figura da semana

VIII

JOSÉ DIOGO

Foi merecido a desinteressada actividade e do caloroso entusiasmo dos homens como José Diogo, que o desporto conseguiu entre nós erguer o seu «edificio» e firmá-lo em sólidos alicerces. Foram anos de luta contra a incompreensão do meio social — uma luta sem tréguas, insípida e até com o seu quê de aventureira... Mas pouco a pouco, tornando hoje uma dificuldade, vencendo amanhá outro, o desporto português via os seus horizontes dilatarem-se, até que o panorama lhe desse deslumbrante e gloriosas de vida e copas!

José Diogo, guiado pelas cores «verdes-brancas» do «suu» Fluvial e por um espirito dinâmico de desportista convicto, esteve presente nessa «barricada» em prol da expansão da cultura física e da prática desportiva dos portugueses. Como praticante ou dirigente, o historial da sua preciosa actividade, fizesse qual magnífico e salutar exemplo, digno de ser relembrado aos jovens de hoje, que desfontam num «cunhado» melhor e ignoram o caminho tortuoso que foi necessário vencer para o conquistar...

José Diogo, como praticante, saltitante em duas modalidades: «basketball» e remo. Na primeira, alcançou com mérito absoluto a categoria de «internacional», creditando-se como o melhor jogador português nos encontros Portugal-França; na segunda, as suas actuações no difícil posto de nonga da tripulação do Fluvial ainda hoje deixam um rasto de saudade. Como dirigente, a sua actividade tem exercido forte e proveitosa acção nos destinos da «velha» agremiação que é a do Clube Fluvial Portuense — agora a comemorar o 65.º aniversário. Não só no seu clube — onde naturalmente os «factos» se sentem de maneira mais notória — mas também em diversas associações regionais, a «obra» de José Diogo tem-se erguido ao nível da mais agradável classificação.

Deixando ao clube que sempre representou, José Diogo volta a subir ao «primeiro plano» com o magnífico discurso — exaltação de fé clubista e de dedicação ao desporto — que tão brilhantemente proferiu no banquete comemorativo do aniversário do Fluvial. Por isso — e com toda a justiça — lhe dedicamos hoje esta nossa seção.



a melhor bicicleta!

Continuou na última sexta-feira o «Curso de Ciclistas», iniciativa a que a nossa revista meteu ombros e que tem obtido assinalado êxito. O mesmo interesse dos alunos e número elevado de presenças, tal como nas lições anteriores.

Assuntos «verdes»: a preparação dos corredores durante o inverno e os treinos antes das provas.

O nosso camarada Gil Moreira começou os trabalhos definindo o que é a preparação atlética de um corredor. Esta não pode limitar-se apenas a treinos com a bicicleta. Há que anteceder e até acompanhar esses treinos do necessário trabalho de cultura física, tendente a aumentar a «elasticidade» e criar a resistência indispensável ao corredor de bicicleta.

Para isto, nada melhor do que a participação num curso de ginástica, ou, em caso de impossibilidade, a execução quotidiana de exercícios próprios para o desenvolvimento dos músculos abdominais, do tórax e das pernas. Passado o inverno a obter a máxima mobilidade e mantendo sempre em movimento, embora em ritmo moderado, os órgãos que têm acção directa no trabalho de pedalar (o que se consegue facilmente desde que se evite o abandono completo da bicicleta no período chamado de defesa), os ciclistas podem iniciar o treino propriamente dito, segundo as indicações dadas por Gil Moreira, nestas colunas, nos meados de Janeiro.

Convém, todavia, não esquecer — e nisso o orientador do «Curso» foi peremptório — que os treinos não são corridas; embora haja, por vezes, a conveniência, e até necessidade, de se efectuarem os treinos em marcha veloz e forçada, nunca se deve despendido o esforço exigido nas provas.

Um corredor — disse Gil Moreira — nunca deve terminar o seu treino «arrastado». Pode chegar fatigado, mas nunca em condições de não se poder recompor com facilidade, e muito menos de forma tal que sinta

Handball APONTAMENTOS

O Sport voltou à Divisão de honra pela resolução da assembleia geral. No entanto, ao tomar contacto com os seus primeiros trabalhos, a comissão administrativa da A. H. P., verificou a irregularidade no que se refere à acta. Felizmente, a gerência, que está animada de boa-vontade em servir a Causa, não pôde obstar; de outra maneira poderia não considerar válidos os trabalhos da assembleia, visto não possuir elementos oficiais para autorizar a reentrada do Sport.

Para um espirito tão sagaz como o do dr. P. S., admira o deslize... — Ainda que tenha sido posto à prova todo o desejo de acelerar os serviços administrativos por parte das entidades directivas, não se atinga ainda o ritmo que se espera. Factores estranhos têm contribuído para isso.

Primeiro, o atraso da posse, reflexo da desunção directiva na época passada; depois, a pouca prontidão dos clubes para resolverem em suas situações perante a A. H. P.; e agora a morosidade no despacho de resoluções oficiais superiores, das quais depende a C. D. A., constituem um atrito que prejudica o «handball» portuense.

— Consequentemente, talvez fique sem efeito o torneio de abertura, que a Associação pretendia fazer disputar antes do campeonato...

— Vai ser convidado um conhecido «handballista» para dirigir a escola de árbitros em organização.

Consta que é Edgar Fernandes a indicado.

— Com o início do campeonato regional, no domingo, 26, fica prejudicada uma competição que o Vilanovense ia levar a efeito.

Estão inscritos os seguintes clubes:

Na 1.ª Divisão: Pórtio, Vilanovense, Vigorosa, Académico, Desportivo de Portugal, Boavista, Fontainhas, Salgueiros e Sport; na 2.ª Divisão: Leixões, Leca, Gaia, Candal, Senhora da Hora, Ferroviários, Académica de Espinho e Fluvial.

À HORA DE FECHAR O futuro Estádio do F. C. do Pórtio

No momento em que fechamos a paginação de STADIUM, recebemos notícias telegráficas do Pórtio através das quais somos informados de que se efectuou uma reunião de conhecidos capitães, na qual ficou resolvido o problema do estádio do F. C. do Pórtio.

Ficará situado na rua da Constituição, ao Monte Avantino, e o respectivo custo orça por três mil contos, incluindo os quatrocentos referentes ao valor do terreno.

Terá campo revêdo para futebol, piso de cimento para atletismo e piscina de recreação. Segundo nos dizem, a amortização será feita com uma importância correspondente a vinte por cento das receitas anuais.

INICIATIVAS DA «STADIUM» O «Curso de Ciclistas» prossegue com animação progressiva

no treino seguinte os efeitos da fadiga anterior. Escutado sempre com o maior interesse e intermédio com frequência por pedidos de esclarecimentos sobre os casos especiais de ciclistas que não podem dispor de muito tempo para treinar, ou de outros que são obrigados a andar sempre de bicicleta, o nosso prezado camarada continuou a sua lição indicando os inconvenientes dos treinos muito longos, que roubam rapidez aos corredores novos, e apontando, por meio de um desenho onde podiam analisar-se os principais músculos das pernas, qual a função de cada um deles e quais os sintomas que surgem quando as sessões de preparação são deficientes.

Assim, um corredor, quer seja orientado por segundos ou se guie por si próprio, tem necessidade de fixar, depois das corridas, os motivos porque cedeu, isto é, se «largou» o adversário por falta de flego; se foram os músculos da coxa que, doridos, o não deixaram pedalar com a rapidez desejada; se se sentiu esgotado antes do final; ou ainda se não pôde suportar a marcha veloz de uma partida rápida. Todas as deficiências observadas, segundo explicou Gil Moreira, podem ter remédio: para quem falta flego, treinos curtos e rápidos, com multiplicações pequenas; para quem não aguenta as distâncias das provas, intensificação das saídas alongadas em alguns quilómetros; e para quem «atenta força» e não se sente cansado» deixa fugir os adversários, sem poder

Mais de uma centena de atletas na prova de «corta-mato», organizada pela «Stadium»

COMO várias vezes nestas colunas se tem afirmado, a série de organizações, em favor de desporto portuense, que a STADIUM pretende levar a efeito, abrirá com uma prova de «corta-mato», a qual está a ser aguardada com vivo interesse, pois há três anos que entre nós não saltar desporto tem permanecido na mais completa inactividade.

Por esta razão, não admira que os nossos melhores clubes estejam já a preparar as suas equipas representativas, visto que qualquer deles não possuía, no momento, praticantes especializados nas provas de «corta-mato».

Isto quer dizer que mercê da iniciativa da «Stadium» os clubes reagiram e voltaram a pensar num desporto que na nossa cidade já foi popularíssimo, mas que estava agora lamentavelmente lançado ao abandono. E a influência que os clubes sofreram com os nossos propósitos, há-de ressentir-se, da maneira mais agradável, a época de inverno de 1945 do atletismo portuense.

Como se tem dito, as equipas de cada clube, no apuramento da classificação geral, terão de ser compostas por 10 atletas, sem distinção de categorias. Isto é mais um incentivo para que cada agremiação seja representada por número elevado de corredores.

Pode já dizer-se que a inscrição de concorrentes passará da centena — talvez alcance mesmo um número invulgar, avaliando pelo entusiasmo que se tem verificado nos torneios preparatórios do F. C. do Pórtio, do Académico, do Salgueiros, do Operário, do Vigorosa, do Sport, etc. E cada um destes clubes — em especial os três primeiros — prometem fazer-se representar por mais de meia-centena de atletas.

Notas da semana

O aniversário da Associação de Basketball do Pórtio

Fundada em 1926, a Associação de Basketball do Pórtio comemora, no próximo dia 30, o 15.º aniversário da sua fundação.

Depois de largos anos de combate, o «basketball» portuense, mercê do amparo carinhoso que lhe foi concedido por algumas individualidades e clubes, conseguiu o seu almejado «desideratum». Hoje, os campos da «basket» emolduram-se de público entusiasta, pluvioso de vivacidade, aplaudindo e incitando os seus adeptos. Mas: chegou-se à grande realidade de se verificar que os actuals campos são já pequenos para os muitos admiradores deste jogo.

Dizem de Braga...

Segundo nos informam, a Associação de Futebol de Braga teria proposto (?) um «arrazujo» novo para o campeonato nacional da 2.ª divisão. Por essa proposta, entrariam em duas séries — a constituiria os 4 clubes de Braga, os 4 do Pórtio e o de Vila Real — precedendo sorteio, dois clubes do Pórtio e dois de Braga, numa série, e na outra os restantes, com Vila Real.

Parece que este projecto é defendido por Braga com certo interesse, por movimentar bastante o futebol antigo de duas mais importantes regiões nortenhas. Da viabilidade de execução, dirá quem de direito: a Federação...

Pelo «volleyball»...

Já de há algum tempo a esta parte que o «volleyball» portuense não fornece quaisquer novidades aos jornais. Parece que atravessa um período de reforma, ou de reconstituição, pois não há notícias do seu movimento, que era já promotor e se anunciava como tendo um futuro largo de promessas e esperanças.

Parece que vai ser nomeada uma Comissão Administrativa para gerir os destinos desta modalidade. Aguardamos a confirmação desta nota, para adquirirmos a certeza de que o «volleyball» portuense não está em letargo...

Ponto final no campeonato do Pórtio

Já que o primeiro lugar está concedido, por «avenças», ao F. C. do Pórtio, resta, como assunto para as conversas e apostas, a luta finalista que se estabelece para a conquista do 2.º posto e para a fuga à «lanterna encarnada»...

O campeonato regional teve, por isso, interesse desusado até ao último jogo. Os rectângulos encerram-se, de lés-a-lés, de gente ávida, ansiosa, barafustando e incitando os seus pupilos.

Alberto de Brito

Por motivos estranhos à sua vontade, este conhecido dirigente só deve partir no sábado próximo para Vigo. Vai tratar da organização do Pórtio-Galiza, como anunciámos.

responder aos ataques, como se ficasse preso à estrada (facto vulgar nos novos) — não abastar, como fazem decerto, do carro 14, pois há que ter presente que a velocidade é o maior trunfo para quem corre...

Gil Moreira concluiu mais esta interessante lição indicando o que deve ser, na generalidade, a qualidade das tragem dos treinos para corredores novos e que não participam em provas com mais de 80 km. Tais treinos, que devem fazer-se aos domingos, terças e quintas, podem ter, grosso modo, a seguinte quilometragem: Janeiro: 1.ª e 2.ª semanas — 20, 18 e 15 km.; 3.ª e 4.ª semanas — 30, 20 e 15 km. Fevereiro: 1.ª e 2.ª semanas — 20, 20 e 15 km.; 3.ª e 4.ª semanas — 60, 25 e 15 km. Março: 1.ª semana — 80, 20 e 15 km. rápidos; 2.ª semana — 35, 20 e 15 km. rápidos, mas sem forçar exageradamente as últimas saídas.

Com a divulgação da tabela de treinos acima descrita, encerrou-se esta sexta lição teórica.

A primeira sessão prática, marcada para o passado domingo, não pôde efectuar-se devido ao mau estado do tempo, sendo transferida para dia a anunciar oportunamente.

DE LUTO

Octávio Seabra da Costa

Tivemos o desgosto de registar, no passado semana, o falecimento do sr. Octávio Seabra de Costa, industrial, irmão do sr.ª D. Maria Benedita Seabra Bernardo, proprietária de «A Iluminator» e sócia da Sociedade Revistas Gráficas, e tio do nosso querido amigo sr. Amadeu Seabra, igualmente sócio da empresa editora do nosso revista. A família afectada, particularmente a sr.ª D. Maria Benedita Seabra Bernardo e a Amadeu Seabra, apresentamos a expressão do nosso sentido pesar.

Stadium

OS JOGOS DA II DIVISÃO DA A. F. L.

A 11.ª jornada do campeonato da II Divisão da A. F. L. não era das que despertava maior interesse. Os quatro encontros do programa não se apresentavam susceptíveis de provocar alterações na tabela da classificação e só um deles — o de S. Vicente — podia oferecer certas dificuldades quanto a vaticínios. E assim foi, de facto.

Os clubes conservaram as posições que traziam da jornada anterior — agora melhor esclarecidas, pois desfez-se o empate para o terceiro lugar, entre o Futebol Benfica e Operário, com vantagem para o último.

A pontuação dos clubes, depois dos encontros de domingo, ficou assim: 1.º Chelas, 29 p.; 2.º Fósforos, 28 p.; 3.º Operário, 27 p.; 4.º Futebol Benfica, 25 p.; 5.º Oliveira, 21 p.; 6.º Sacavenense, 18; 7.º Casa Pia A. C., 17 p.; 8.º Marvilense, 11.

Repare-se que o Casa Pia A. C. se chegou mais ao 6.º classificado, em condições de permitir pensar numa troca de lugares.

Os quatro jogos tiveram os seguintes resultados:

Chelas-Marvilense.....	6-1
Operário-S. L. Olivais.....	6-2
Fósforos-F. Benfica.....	2-1
Sacavenense-Casa Pia A. C.....	0-3

Não deve surpreender que o encontro de que foram protagonistas o Chelas e o Marvilense, respectivamente «leader» e «lanterna vermelha», tivessem fornecido o resultado mais expressivo da «ronda». Os chelenses jogaram sem preocupações e repartiram bem os seus «goals» — três em cada meio tempo.

Em S. Vicente, o Operário deu mostras de querer voltar a impôr-se, como no começo da prova. Os oliveirenses foram batidos mais nitidamente do que poderia supor-se. Terá o resultado de 0-7 da semana passada abalado o moral dos «encarnados» dos Olivais? O certo é que o resultado se aceita sem custo. Os donos da casa jogaram deliberadamente ao ataque e, pelos vistos, os avançados não se esqueceram da sua missão.

Desta vez o Fósforos não pôde evidenciar de modo tão claro, como nas suas últimas «saídas», a sua superioridade, talvez porque a defesa benfiquense não seja das mais fáceis de bater. Os visitantes, a perder ao intervalo por 0-1, fizeram a vida cara aos marvilenses. Depois os avançados de um e outro lado mostraram-se «cerimoniosos»; os «goals» da segunda parte foram o resultado de «penalties».

Os caspianos souberam justificar o resultado. Uma primeira parte de equilíbrio territorial, se bem que o maior perigo criado pelos avançados do Casa Pia A. C. fosse bem anulado pela boa exibição do guarda-redes de Sacavém, e um segundo tempo d. vantagem — tornaram o antigo «team» do Restelo digno da vitória.

ZÉ DO PEAO

As vitórias do Benfica nas categorias inferiores

A última jornada do campeonato de reservas, com vista ao primeiro posto, não passou da proforma regulamentar. O Benfica era já o campeão, há uma semana. E era-o de justiça, diga-se em abono da verdade.

Ao fim e ao cabo, os «encarnados» terminaram a prova com a eloquente diferença de cinco pontos sobre o segundo classificado — a aguerrida turma alentejana. Não admira, pois, que o desafio de domingo, ainda que entre os «velhos» rivais, não tenha revestido aquele interesse que teria noutra situação. Vitória fácil dos campeões, por 6-1.

O resultado obtido pelo Belenenses, no Lumiar-A, igualmente dispensa comentários: 8-2 a favor dos «azuis».

Não se efectuou o encontro Estoril-Atlético, por desistência do primeiro.

A classificação final ficou ordenada do modo seguinte:

1.º — Benfica, 28 pontos; 2.º — Atlético, 23 p.; 3.º — Belenenses, 22 p.; 4.º — Sporting, 20 p.; 5.º — Cuf, 16 p.; 6.º — Estoril, 9 p.

Batendo o Sporting por 3-1, os «encarnados» conquistaram igualmente o campeonato de segunda categoria, repetindo, assim, a proeza da época passada e tendo apenas uma vez, no decurso de todo o campeonato, conhecido o trazo da derrota.

Igualmente digna dos melhores elogios, a posição conseguida pela turma da Cuf — num honroso segundo lugar, apenas a dois pontos dos campeões — e que no domingo bateu, com brilhantismo, o grupo dos «azuis», por 6-2.

O Atlético teve de averbar mais uma derrota — a sétima — frente aos rapazes da Costa do Sol que, vencendo por 3-0, subiram ao terceiro posto.

A classificação final ficou ordenada como segue:

1.º — Benfica, 26 pontos; 2.º — Cuf, 24 p.; 3.º — Estoril, 20 p.; 4.º — Sporting, 18 p.; 5.º — Belenenses, 17 p.; 6.º — Atlético, 13 p.

Cartões de livre-trânsito

O Gimnásio Clube Português teve a gentileza de nos enviar um cartão de livre-trânsito na sua sua sede, que muito agradecemos.

Desportos de bola

HANDBALL — A lama, inimigo n.º 1

VOLLEYBALL — Há quem entenda que se joga com chuva e há quem entenda que não...

A primeira jornada da competição final dos Torneios de Abertura não correspondeu à expectativa, porque o mau tempo durante a manhã impediu os jogadores de desenvolver, em condições favoráveis, a sua acção no campo.

Se a lama é sempre prejudicial para a beleza de qualquer manifestação desportiva de jogo em campo, para o «handball» é inimigo implacável, que transorna por completo as condições materiais, criando novas necessidades, que os grupos nem sempre conseguem satisfazer: o batimento da bola de encontro ao solo para progredir em avançada pessoal resulta impraticável; o passe longo passa a ser de arriscada insegurança, porque a bola, escorregadia e pesada, escapa-se diabolicamente das mãos; a própria progressão no terreno, a esquiva, complicam-se pelas contingências de equilíbrio instável e de menor velocidade nos movimentos.

Por tudo isto, os jogos de ontem não foram o que podiam ter sido; o Sporting venceu «Os Treze» apenas por 1-0, tendo ambos os grupos perdido inúmeras ocasiões, bastantes mais o vencedor do que o vencido; o Belenenses ganhou por 4-1 ao Benfica, mas o jogo está sujeito a recurso, pois os «encarnados» recorreram por deficiência de arbitragem.

Já não é a primeira vez que somos obrigados a comentar com severidade a incurria da Associação de Handball no referente às condições dos terrenos para onde marca os seus jogos oficiais. No domingo aconteceu, em

ambos os encontros, o mesmo incidente, que na Estrela se resolveu em bem, mas em Campolide suscitou protesto: rédes rotas, ou mal fixadas, e bolas que aparecem dentro delas, ou saíem, sem que se possa apurar bem por onde entraram ou saíram.

O remate de Leonel, que deu o único ponto aos «deões», foi lançado de vizez e a bola bateu de encontro à réde lateral, saindo por um buraco. O árbitro ainda teve dúvidas sobre a validade do ponto, mas tudo se esclareceu com consenso unânime dos homens em campo.

No jogo Belenenses-Benfica houve reclamação sobre a validade de um ponto concedido pelo árbitro e que parece ter resultado da entrada da bola por debaixo da réde lateral, que se encontrava solta.

Lamentemos que seja aceite pelo organismo dirigente um campo cujas balizas não obedecem às condições legais e onde, para mais, segundo nos informaram, nem sequer água havia nos vestiários, o que obrigou os jogadores a irem lavar-se algures, no fim do encontro...

Em segundas categorias os vencedores foram os mesmos: por 2-0, o Belenenses; por 8-2 o Sporting — em cuja equipa reapareceram Oliveira Martins e Pimentel Saraiva.

Ficou incompleto o apuramento dos meio-finalistas em dois dos Torneios de Outono actualmente em curso. Foi a chuva aborrecida da manhã a responsável pelo inconveniente; no campo do Técnico, os árbitros julgaram que o «volley» era para ser jogado enxuto ou molhado — e os encontros realizaram-se; no campo da Estrela, os árbitros julgaram ao contrário e os encontros foram adiados, com excepção do Internacional-Belenenses, em que o primeiro se viu brindado com uma vitória ilógica.

O director da partida, que era, das três de que contava o programa, a do meio, considerou — como os seus colegas precedente e sucessor — o terreno incapaz. Não chegou, portanto, a admitir a hipótese de iniciar a competição; mas porque verificou não se encontrar presente número de jogadores belenenses que chegasse para constituir uma equipa, registou no boletim — boletim de um jogo que declara impossível de celebrar... — a falta de comparência dos «azuis», concedendo ao Internacional a vitória paradoxal de um encontro cuja realização não consente...

Teremos, pois, de esperar uma semana para conhecer os dois finalistas da «Taça Stadium», e o mesmo em relação aos outros concursos.

Na categoria de júniores, classificou-se o Internacional, batendo Oeiras por 15/5 e 15/1, e decidirão na próxima jornada Belenenses e Sporting o seu destino.

No torneio da 1.ª Divisão, o Futebol Benfica derrotou o Fósforos, por 15/3 e 15/12, e o Ateneu ganhou ao Hockey, por 15/4 e 15/13.

O sorteio designará hoje qual destes vencedores será o apurado para a final, defrontando o outro o Olímpico, para procurar idêntica honra.

JOSÉ DE EÇA

Acontecimentos da semana

ATLETISMO — O Belenenses promoveu novo torneio para sócios e simpatizantes. Os vencedores das provas foram: 50 metros — Alberto Costa, em 10 s. 3/5; 200 metros — Feliciano Marques, em 34 s. 2/5; 500 metros — Pereira Bastos, em 2 m. 3 s. 1/5; 1000 metros — António Silva Cruz, em 6 m. 48 s. 3/8; Comprimento — Manuel Moreira, em 5,10 m.; Altura — Pereira Bastos, com 1,45 m.; Pêso — David da Silva, com 11,90 m.; Disco — José Dias, com 21,5 m.

O Sporting projectava a efectivação de mais um torneio para sócios e simpatizantes, mas foi forçado a adiarlo, por motivo do mau tempo.

COMEMORAÇÃO — O Lisboa Gimnásio Clube comemorou no último domingo, com um almoço que reuniu perto de 100 convivas, o 25.º aniversário da sua fundação.

O 35.º aniversário da Vitória de Setúbal, foi antoniano solenemente celebrado no estádio das Antilhas Locais.

HOCKEY EM PATINS — Com a disputa da final da «Taça de honra 1941» encerrou-se a temporada. Nesse encontro o Paço de Arcos H. C. derrotou o H. C. Sintra por 4-2. No desafio para complemento do programa, o Sporting de Oeiras derrotou o Benfica por 8-5. No próximo número faremos mais ampla referência a esta competição.

PUGILISMO — Terminou o «Torneio de Abertura», prova organizada pela Associação de Pugilismo do Sul e destinada a «amadurecer». A equipa do Lisgás foi considerada vencedora, pois os seus representantes ganharam em cinco das oito categorias.

Nas finais antecorram-se os seguintes resultados: Minimo — Armando Costa (Lisgás) v. Alípio Oliveira (Matadouro). Levisimo — Manuel Martins (Lisgás) v. José Timóteo (Matadouro). Meios-leves — João Jorge (Lisgás) v. Fernando Peres (Ateneu). Leves — José Cavaco (Ateneu) v. Diamantino Almeida (Matadouro). Meios-médios — Patrício Alvares (Lisgás) v. Artur Dias (Lisgás). Médios — Manuel Ferreira (Lisgás) v. Carlos Nogueira (Estoril).

António Simões (Estoril) e Manuel Teixeira (Matadouro), sem adversários, foram proclamados vencedores em meios pesados e pesados.

TIRO — Concluiu-se o campeonato da F. N. A. T. na categoria «iniciados», com a seguinte classificação: 1.º Dr. Jorge Felner da Costa (C. A. T. 50), Alfredo Régio Barreto (B. L. e A.), Elio Rodrigues (C. A. T. 50), com 149 pontos; 2.º Mário Nunes Delgado (C. A. T. 50), 147 pontos; 3.º Dr. Joaquim Baptista e Mário P. Correia (ambos do C. A. T. 50), e Armando Silva Pais (C. A. T. 31), com 144 pontos; 4.º Jaime Azevedo (C. A. T. 31) e José Fontes (B. L. e A.), com 143 pontos; 5.º Mário Simas (C. A. T. 31), com 142 pontos.

Há que efectuar os necessários desempates.

Os campeonatos regionais do Sul, promovidos pela Federação de Tiro, sob a organização da Sociedade de Tiro n.º 2, disputados só por três concorrentes, forneceram os seguintes resultados: Joaquim Camacho Sampaio, 192 pontos, na posição deitado; Luís Howorth, 190 pontos, deitado, e 170, de joelhos; José Rodrigues da Silva, 182 pontos, de pé.

Na prova de pistola, José Rodrigues da Silva, fez 299 pontos.

Oficina de Calçado Desportivo do BEATO de DANIEL TEIXEIRA

Especializado em todos os artigos para desportos — Calçado e botins tipo alentejano e «Mocidade Portuguesa».

TELEFONE 38 298

CALÇADA DUQUE DE LAFÕES, 5 LISBOA

FUTEBOL CLUBE DO PORTO

campeão da Capital
do Norte

No 1.º plano, da
esquerda para a
direita: Franco,
Araújo, Correia
Dias, Artur de
Sousa e Catolino.
No 2.º plano, pela
mesma ordem:
Guilhar, Anjos,
Romão, Barrigana,
Octaviano e Al-
fredo



A' direita, de alto a baixo: O grupo do LEIXÕES SPORT CLUBE, campeão norte-nho em reservas, e a equipa do FUTEBOL CLUBE DO PORTO, que conquistou o campeonato em segundas categorias. A' esquerda: Fase do encontro F. C. Pôrto-Aca-démico, na qual Lourenço é desarmado por um defesa adversário